



Alzheimer

Diagnóstico parece facilitado com descoberta em Coimbra

Uma equipa do Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra (UC) acaba de descobrir como algumas células do sistema imunitário perdem a capacidade de combater a doença de Alzheimer, descoberta que pode ajudar a encontrar um diagnóstico definitivo.

Ana Luísa Cardoso, coordenadora do grupo de investigação, explica que “os monócitos (células do sistema imunitário inato) de doentes de Alzheimer são incapazes de se deslocar quando estimulados por substâncias produzidas no cérebro, o que pode levar à redução do número de células recrutáveis para o tecido nervoso e para participar no combate à patologia”.

O estudo, de quatro anos, publicado na revista “Alzheimer's & dementia: Diagnosis, assessment & disease monitoring”, identificou alterações moleculares nos monócitos de doentes que podem

servir de ‘biomarcadores’, sinalizadores da doença de Alzheimer, tanto numa fase precoce como em estados mais avançados.

A investigadora ressaltava “a importância do estudo face à dificuldade em obter um diagnóstico definitivo em vida, não sendo fácil distinguir as diversas formas de demência”.

“Penso que demos um passo importante na direcção de um diagnóstico mais preciso, na medida em que conseguimos identificar diferenças evidentes nos monócitos dos portadores da doença de Al-

zheimer, sobretudo nas fases muito precoces semelhantes ao défice cognitivo ligeiro, comparativamente aos indivíduos saudáveis”, assinala Ana Luísa.

A descoberta é particularmente importante visto que estas alterações foram encontradas em células do sangue, as quais podem ser obtidas de forma fácil, rápida e não invasiva, acentua.

A investigação teve a colaboração da neurologista Isabel Santana, coordenadora da Consulta de Demência do Serviço de Neurologia do Centro

Hospitalar Universitário de Coimbra (CHUC).

O estudo, que utilizou amostras de sangue de doentes de Alzheimer, com défice cognitivo ligeiro e de pessoas saudáveis, revelou igualmente, pela primeira vez, defeitos funcionais importantes nos monócitos, células que têm sido apon-

tadas como tendo efeitos terapêuticos em modelos animais de Alzheimer.

Segundo a investigadora do Centro de Neurociências da UC, é “necessário enfatizar a importância deste tipo de trabalhos com doentes, visto que nem sempre os estudos em animais têm uma translação

directa para humanos”.

“Os resultados sugerem, ainda, que as alterações associadas à doença de Alzheimer não ocorrem apenas no cérebro, mas também no sangue, o que pode abrir caminho para novas terapias não invasivas”, conclui Ana Luísa Cardoso.